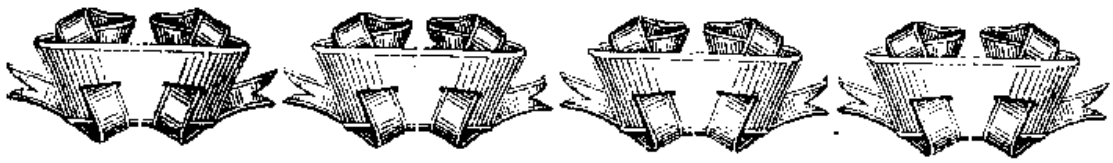

Este Discurso foi mandado transcrever no Diario Official a requerimento feito na Camara dos Deputados Federaes pelo Dr. Justiniano de Serpa, Cearense, representante do Estado do Pará.

A unidade da Patria — Conferencia que fez o Dr. Affonso Arinos no festival realizado em Bello Horizonte em beneficio dos flagellados.—Dizer que certas creações literarias duram mais que a obra do granito é repetir uma verdade corriqueira Mas quando ellas duram assim é porque encarnam e exprimem um elevado ideal onde os corações humanos enfeixam e synthetizam suas aspirações de aperfeiçoamento Ha dous millenios ostenta Achilles a sua indomavel coragem, a sua orgulhosa força; ha tanto revela Ulysses o seu matreiro engenho; Fausto durará como a cathedral de Colonia; e Adamastor, emquanto estourarem maroiços nos alcantis do promontorio, mostrará ao navegante audaz a sua horrenda catadura entre os véos pardos da nuvem.

Na nossa ainda pobre literatura, desconhecida no estrangeiro, já temos, felizmente, creações que calaram no sentimento brazileiro; é que no sentir geral exprimem, de maneira concreta, o typo nacional e de certo modo personificam a Patria.

Assim o Brazil americano, o Brazil deseuropizado, o Brazil soberano e independente, é geralmente representado por um indigena, que o povo se compraz em figurar em *Pery*. E a applicação do nome de *Iracema*, do norte ao sul, a tantas das nossas gentis patricias, algumas já celebres, não denota que na heroina de Alencar muita gente nossa encarna seu ideal de graça, de doçura e fidelidade femininas?

Quem póde fallar em Ceará sem evocar ao mesmo

tempo a meiga gentia, cujo pé subtil roçava apenas a terra como a folha ao bafejo da viração; cuja graça arisca e cujos olhos negros e doces lembravam a veada matteira; cuja amorosa ternura e fidelidade desmereciam entre nós, por seu cunho nacional, as heroinas do romantismo europeu?

Pois, agora, aquella que foi a virgem dos labios de mel, aquella que rescendia os mais suaves perfumes do manacá e do benjoim, ora esposa e mãe, ingratamente desamparada, mais infeliz do que Agar, arrasta pelos chapadões torrados de canicula, não o seu Ismael, mas milhares de filhinhos, famintos e sedentos. Eil-a, cambaleando pelas estradas poentas dos cerrados inhospitos, atravessando os leitos resequidos das lagoas, seguindo a pé enxuto os alveos arenosos dos rios, acompanhada e mordida sempre, em meio da amplidão ferozmente irradiante, pelas laminas de fogo do sol equatorial; vacilla e cáe; vae morrer si não corremos em seu soccorro. Vinde donzellas! Vinde esposas! Vinde mães, Iracema estende-vos a mão supplice; levantae-a! Ella representa e personifica a terra luminosa do Ceará!

O Ceará e as seccas

Estamos aqui reunidos para prestar o nosso concurso aos organizadores do soccorro ás victimas do flagello que periodicamente, desde o primeiro seculo posterior ao da conquista e povoamento do seu territorio, tem martyrizado o paiz das carnaubas e dos jangadeiros.

No seculo 18.º, de 1710 a 1800, ha memoria de sete grandes seccas; no seculo 19.º, conhecem-se doze; no seculo 20.º, é esta a segunda vez que apparece o flagello. Os astronomos observam que o phenomeno, occorrendo de onze em onze ou de doze em doze annos, coincide com a menor quantidade de manchas no sol e com o periodo da revolução de Jupiter, calculado em 4.333 dias.

No meado do seculo 19.º, o flagello foi terrivelmente devastador. Mas foi este o periodo dos grandes es-

tadistas do Imperio. Embora a renda annual do Brazil de então não attingisse a cem mil contos, com a obrigação de sustentar os serviços hoje incumbidos aos Estados, tendo uma circulação fiduciaria de apenas 60 mil contos, pôde o governo imperial correr em soccorro dos flagellados e teve dinheiro e credito para despender em auxilios de toda especie cerca de quatro milhões de libras esterlinas ou oitenta mil contos, ao cambio de 12 dinheiros. Mas naquelle tempo o Brazil era um paiz atrazado, que tinha o carrancismo de pagar sem rebate o que devia . . . Depois de setenta annos de progresso, o nosso chupado Thesouro de agora não teve mais de tresentos contos para acudir á calamidade!

Apezar das catastrophes, o Ceará nunca deixou de crescer em população, computada hoje em um milhão de habitantes; e é daquelle ninho de caboclos de dentes aguçados e canellas finas que o Brazil tira as pugnazes energias para as fileiras dos seus bons soldados e para as levas aventurosas dos seringueiros, que vão disputar á morte nos mangueis pestiferos do Amazonas o *latex* precioso.

A solidariedade necessaria

Em todos os tempos a felicidade, gerando o egoismo, dissocia os homens; mas a desgraça tem geralmente o poder de despertar-lhes o sentimento de solidariedade, como um instincto de defesa contra o perigo commum. E neste sentido é ella mil vezes mais proveitosa e cheia de lições do que a ventura sem macula. Sobre o Brazil inteiro pesa neste momento o infortunio. A hora, pois, é propicia para que nos acerquemos uns dos outros como o gado á approximação do tigre. O gado, é certo, tem um chefe desvelado e forte que oppõe ao inimigo a rijeza dos musculos e das hastes aceradas . . .

O flagello do norte é um mal tremendo, mas esse mal passará mais depressa do que o morbo cruel que chumba em um leito de aculeos a Patria inteira: a mentira democratica, a mentira judiciaria, a mentira educacional, a mentira financeira, em que nos afundamos

como no mais horrendo dos atoleiros. Mão estranha não se nos estendera para tirar-nos do mortal perigo; só poderemos livrar-nos delle com os meios e recursos, que a nossa boa razão nos descobrir e a nossa energia nos fizer executar.

Occupando a decima quinta parte da superficie solida do planeta, temos que dar contas deste vasto patrimonio á humanidade. E seremos desapossados delle por uma lei inelutavel de justiça historica, si a nossa incapacidade nos condemnar á fallencia, no governo autonomo de nós mesmos.

Teremos elementos que nos permittam desempenhar no mundo a missão destinada a cada povo na obra collectiva do progresso humano?

Temol-os, sem duvida, e devemos affirmal-o com força: temol-os e precisamos tiral-os de nós mesmos, para o que em vez de vivermos voltados para o exterior como actores, do palco para a platéa, cumpre-nos olhar para nós mesmos, volver á fonte verdadeira de nossa vida, ás energias que nos permittiram occupar através de fadigas sem conta o nosso vasto territorio.

Conversando um dia no velho mundo, um estrangeiro modesto e de grande talento, que nos visitára, procurando conhecer o nosso caracter, as nossas qualidades e os nossos defeitos, notou elle, desde logo, não sem certa surpresa, que o Brazil possuia homens de superior cultura, em todos os seus centros populosos ou perdidos na vastidão do paiz, mas que todas essas forças estavam dispersas sem um centro de aggremiação, de modo a não se poderem juntar nem mesmo se conhecer: isso privava-as de acção e condemnava-as a absoluta inutilidade. Realmente o Brazil está de tal modo regionalizado que para as nossas Provincias não ficarem absolutamente estranhas umas ás outras é preciso um grande esforço, no sentido de fortificar-se a unidade moral da patria.

Nenhum povo teve historicamente a seu dispôr, no começo da sua vida soberana, tão extenso territorio como o nosso; os Estados Unidos, que são agora senhores de maior parte de terreno do que nós, começaram com as

trese colonias entre o Mississipi e o Atlantico; o resto, isto é, a grande maioria do paiz, foi adquirido por conquista, como o Texas e a California, ou por tratados internacionaes, mediante compra a dinheiro, como a Florida, cedida pela Hespanha, a Luisiania pela França, e Alaska pela Russia.

Nós tivemos a felicissima circumstancia de não usar, em tão vasto dominio, de lingua ou dialecto que não seja a lingua portugueza comprehendida pelo igariteiro do Amazonas ou pelo gaúcho do sul. E somos o unico povo da America á exprimir-nos em tal idioma. Não tivemos nucleo importante de sectarios de religião estranha, formando pontos de opposição por diversidade de crenças entre uma parte e outra da população brazileira. Nenhum dominio estrangeiro, apezar de tantas incursões e tantas tentativas de conquista, prevaleceu no nosso territorio sinão o da nossa metropole, que nos impôz a lingua e as instituições e presidiu tranquillamente á formação de um povo ethnicamente estranho ao seu, por entrarem nelle elementos de sangue indigena e africano. E esta fusão, que não existe em tão grande escala em nenhum outro povo americano, operou-se com o concurso do proprio dominador, que desde os primeiros dias fomentou o cruzamento com a indigena e mais tarde com a africana. Não temos, portanto, em nosso seio uma raça dominada, considerada inferior e por isso hostilizada como a negra nos Estados Unidos; não temos, como o Mexico, a America Central, a Bolivia, o Perú, etc., uma enorme massa de população indigena absolutamente inadaptada á nossa civilização. A unidade politica do nosso paiz fez-se apezar das differenças do seu aspecto physico, das revoluções politicas, todas circumscriptas a uma pequena área do territorio brazileiro, e apezar da independencia de facto dos governos das capitanias, nominalmente ligadas a um governo central e nos ultimos tempos da colonia, delle desligadas para ficarem

directamente subordinadas á metropole, afim de, por este meio, obstar-se á independencia do Brazil.

Mas desde os primeiros dias o povo brazileiro quiz, por si proprio, ficar brazileiro. E a prova disso está em que quando a insurreição pernambucana se erguia para derribar o dominio hollandez, estabelecido no nosso paiz, onde durou quasi trinta annos, Portugal era alliado da Hollanda contra a Hespanha, e nas fileiras dos insurrectos pelejavam juntos contra o hollandez, na estreita communhão do sangue e do fogo, os tres elementos constitutivos do povo brazileiro—o colono branco, representado em Fernandes Vieira, o negro, em Henrique Dias, e o caboclo, em Camarão.

Ora, depois do grande esforço de mais de tres seculos para a unidade nacional, que é o nosso mais precioso bem, os estudantes que fizeram a nossa reconstrucção politica após a proclamação da Republica, plagiaram sem quasi discrepancia, para applicar-nos, a constituição norte-americana, creada especialmente para um povo cujas circumstancias typicas se não podiam reproduzir entre nós. Basta dizer que entre as colonias ou provincias norte-americanas, separadas e independentes umas das outras, a federação era o unico laço possivel de união entre interesses oppostos, emquanto entre nós a federação, tal como foi applicada, separando violentamente as provincias antes unidas, é o caminho do desmembramento.

Por isso, a grande obra moral que incumbe á mocidade mineira, neste momento terrivel da nossa vida, é a de reunir-se á de cada um dos Estados, em uma *liga do bem commum,* em uma cruzada sacrosanta em bem da unidade da patria. E' preciso que as forças esparsas da cultura brazileita se congreguem, se toquem, se reconheçam, pois certamente commungam na mesma aspiração pelo bem commum. Note-se que a unidade nacional é perfeitamente compativel com a grande descentralização administrativa, necessaria pelas enormes differenças geographicas do nosso territorio. Unidade nacional não quer, pois, dizer governo unitario.

A unidade nacional pelo povo

Este dever de alliança para a acção compete tanto mais á classe culta, quanto até agora quem ainda mantém a união brazileira não são os homens superiores, mas o povo. E' o bahiano vindo em numerosos bandos á pé, a cavallo e em barcos para trabalhar nos cafésaes de S. Paulo e volvendo aos lares para celebrar ao som da viola e do caxambú, no meio de descantes caracteristicos, as festas da padroeira; é o cearense, partindo dos sertões do Araripe e do Icó, para levar a vida e o trabalho ás florestas mysteriosas do Amazonas; é o mineiro, rompendo para o sul e para o norte a occupar terras e explorar os rios; é o marmeladeiro de Santa Luzia de Goyaz, que leva o seu doce ao seringueiro do Pará; é o apanhador de poaia de Matto Grosso; é o mercador de guaraná de Arinos e do Tapajoz; é o muladeiro do sul; é o cavallariano do norte; é o barqueiro de peitos calejados a ponta de varejão, a carregar pacientemente á inclemencia do sol reflectido na superficie polida dos rios e aos calafrios das maleitas as mercadorias para o escambo, em pontos oppostos do Brazil; é o tropeiro de cujas dôres é ás vezes unica testemunha o seu lote silencioso a grimpar morros e descer valles, em caminhos por onde nunca passou a engenharia official; é o boiadeiro que deixa mulher e filhos na sua casinha barreada junta á touça de bananeira e perto do corrego, afunda-se nos sertões de Matto Grosso ou de Goyaz para vir boiando e gemendo pela chapada, aos latidos da ventania e aos açoutes do aguaceiro, tanger o gado até ás invernadas proximas do littoral. E toda essa gente, que trança e lida e soffre, vae torcendo a rêde de solidariedade da população brazileira, sem rivalidades de nascimento, nem de lingua, nem de religião.

Nunca me ha de esquecer a scena edificante que se me deparou em uma excursão de S. Paulo a Matto Grosso, em janeiro de 1911, no principio do periodo presidencial anterior ao actual. Pouco antes me surprehendera no Rio a revolta da ilha das Cobras. Da casa

de um amigo á praia do Flamengo onde me hospedára despertou-me pela madrugada o canhoneio E a mortandade e a destruição que se lhe seguiram, de brazileiros contra brazileiros, sem causa conhecida, tendo a apparencia não de uma reivindicação de direitos conculcados, mas de uma explosão barbara de indisciplina, faziam temer pelo futuro do povo, em cujo seio taes factos podiam produzir-se.

Mas quando, menos de dous mezes depois, atravessava a vasta região florestal que medeia entre Bahurú e a margem do Paraná, em uma extensão de quatrocentos kilometros, e via o trabalho brazileiro arrancar ao dominio das féras e do gentio bravo uma enorme região indicada ainda ha pouco nas cartas geographicas como sertão desconhecido; quando presenceava o duello gigantesco travado entre uma legião de operarios nacionaes e a natureza feroz, que, despertada de seu somno millenario, despediu contra os audazes invasores uma cohorte de enfermidades onde a febre perniciosa corria parelhas com a ulcera maligna, conhecida pelo nome de ulcera de Bahurú; quando via o grupo de invalidos e mutilados escapos dessa luta, imbecilisados pelo soffrimento, com braço ou perna amputada, quando, finalmente, verificava que desse milheiro de operarios uns cinco por cento apenas eram estrangeiros e a enorme maioria formada de bahianos, pernambucanos, riograndenses do norte, sergipanos, cearenses, parahybanos, mineiros, fluminenses, paulistas, fundidos, irmanados nos mesmos perigos e vicissitudes, fecundando generosamente com o seu suor e o seu sangue o sertão bravio, deixando centenas de cadaveres esparsos nesse vasto campo de batalha—eu comprehendia que um povo que assim peleja e assim pena tem e terá o seu logar entre os dominadores da superficie da terra.

A travessia do Paraná nesse ponto do Jupiá, onde não se poude construir ponte devido principalmente ás horriveis febres reinantes, era feita por um rebocador, cujo piloto e cujo machinista eram creoulos mineiros de Januaria e de Morrinhos. Além disso á alta e bella cam-

pina matto-grossense, onde prosperam os criadores, um afreiro de Tres Pontas, o velho Trajano, assentára a sua cabana ha mais de trinta annos, fugindo, como dizia, á acção do Governo, que elle temia como um duende; mas lá o foi surprehender a locomotiva, espantando as antas e o gado bravio das bordas das Tres Lagôas. E a primeira povoação de Matto Grosso, fundada á margem da primeira linha ferrea daquelle Estado, ergueu-se em terrenos do velho mineiro explorador de sertões e fecundador do deserto.

Na obra tão pouco sabida e tão importante de uma parisiense heroica, Mme. Coudreau, que rematou brilhantemente os grandes trabalhos scientificos de seu marido nos rios desconhecidos da Amazonia, vemos no grupo exiguo de bateleiros e camaradas da sua expedição pelo rio Canumã, affluente do Madeira, filhos humildes do povo de Minas Geraes que não precisam de emprego do Governo nem da ajuda de custo, nem de passagem paga, para romperem daqui ás lezirias do Amazonas ou ás campinas do Rio Grande do Sul.

O dever das classes superiores

Nesse grande esforço anonymo e por assim dizer subterraneo, tal o dos lençóes de agua na formação dos ribeiros, forma-se a trama popular da nossa nacionalidade, com as suas lendas e tradições communs voando de sul a norte e de norte a sul nas azas irisadas da canção popular.

Mas ao trabalho anonymo e inconsciente do povo baixo corresponde o esforço bem norteado e consciente das classes superiores? Não, absolutamente não. Dá-se no Brazil uma enomalia: as classes populares são relativamente superiores em moralidade ás classes elevadas. Como corpo politico o povo brazileiro não existe. Elle é governado por um grupo diminutissimo, por uma reduzida e pouco brilhante aristocracia que não tem como a chilena a sua base na propriedade da terra cultivavel, mas na burocracia militar e civil. Sem ter parte no Go-

verno o povo não tem culpa nem dos abalos politicos ou das revoluções, nem da desorganização administrativa, nem dos desmandos de toda a ordem, nem da consequente penuria financeira. Elle não tem culpa e elle soffre, soffre mais do que os grandes, visto como nas calamidades é sempre o pobre o mais attingido. Elle continúa resignadamente a lavrar a terra, a plantar o milho, a crear suas gallinhas, seus porcos, suas vaccas, a benzer as bicheiras do gado, a rezar seu padre nosso e a ser mais ou menos chupado de barbeiro e de impostos. Elle continuará assim docil, paciente, resignado, cantando nas festas as suas litanias e chorando á viola suas penas. Elle não se revoltará e é impossivel no actual estado do Brazil haver uma revolução realmente popular. Motins ou sedições locaes póde haver, mas revolução, nunca.

Não é, pois, do esforço popular que depende a salvação do paiz: o povo faz o que póde e delle não se deve esperar mais. O exemplo vem do alto. E' preciso um grande esforço das classes cultas que estão na maioria agrupadas em torno das escolas de toda a ordem, como corpo docente e discente. E' preciso que esses elementos dispersos se ponham em contacto diario, congregando-se e organizando-se para a acção. E esta acção deve ser uma verdadeira campanha civica para o reerguimento do Brazil, taganteado pela imprensa do mundo como caloteiro e fallido fraudulento.

A hora é decisiva. A propria soberania nacional está em risco e não poucos homens de responsabilidade contam certo com a tutella estrangeira, meta onde parará a nossa crise.

Embora reconhecendo os graves riscos da nossa situação, não devemos ser tão pessimistas. Ha em nós forças vivas inesgotaveis de renovamento moral e regeneração. Para que ellas possam exercer a sua acção redemptora é preciso um ponto de apoio, um nucleo de agremiação para onde possam convergir todas as boas vontades.

Quando o mal é como esse de que soffremos agora, elle toca a todos e o proprio instincto de conservação

nos convida á defesa. Já é um consolo e uma esperança vermos tanto no Governo Federal, como no do Estado a comprehensão do perigo e uma séria vontade de superal-o; mas a obra de que fallamos está fóra e acima dos governos, porque é uma obra de regeneração social e politica, devendo ser iniciada convictamente e propulsada do alto, dos homens cultos, da mocidade desinteressada e generosa para a unidade nacional ou a formação da consciencia brazileira. Emquanto as forças jazerem dispersas e desconhecidas, emquanto os nossos Estados continuarem estranhos e hostis até uns aos outros, a obra collectiva, essencial á existencia do Brazil, será impossivel e poderemos vel-o, fragmentado, prostrar-se a pavilhões de extrangeiros, que venham aqui cobrar o seu dinheiro.

Ha incontestavelmente tamanho desdobrar de energias para o trabalho e o soffrimento na ralé brazileira, injustamente apodada de indolente, que temos direito de esperar um esforço analogo das classes superiores. Será possivel que a instrucção seja para a nossa gente um vinho demasiado forte que lhe desequilibre o cerebro, quebrantando-lhe a virtude e desaçaimando-lhe as paixões baixas? Esperamos que não!

Em todos os paizes, a constituição verdadeira, a constituição real, volve e marcha a despeito das constituições escriptas, porque os povos são organizados vivos, cuja evolução não se póde amoldar petrificada em um quadro morto. Assim, embora a constituição americana não tenha soffrido reformas radicaes, seu espirito mudou com o progresso dos Estados Unidos e errará quem quizer achar hoje na terra dos *trusts* e dos bilionarios o espirito simplista de Hamilton e Jefferson, que presidiu á elaboração da sua lei fundamental, no ultimo quartel do seculo 18°

A mesma mudança se operou na Suissa, nos sete seculos da sua evolução historica. Aqui e acolá, o traço caracteristico dessa trajectoria foi sem contestação a marcha da diversidade para a unidade.

E, no cyclo hodierno, a tendencia visivel é para a

formação dos grandes grupos humanos que possam respeitar-se pela força reciproca e equilibrar-se na dominação do planeta.

O momento, pois, é o da *grande patria*.

A patria e o patriotismo

O sentimento do patriotismo, que era a piedade dos antigos, o culto de onde dimanavam todos os laços civis da familia, e politicos do cidadão, ampliou-se e transformou-se quando o poder universal de Roma tornou inuteis os muros das cidades e arrastou para o capitolio as divindades locaes. Depois, no esboroamento do Imperio, elle apagou-se ao ponto de só modernamente o vocabulo latino *patria* ser intruduzido nas linguas neolatinas, com as modalidades peculiares a cada uma. Em França, só depois do reinado de Henrique II, no meiado do seculo 18.º, entrou no uso vulgar a palavra *patrie*; e os nossos antigos escriptores portuguezes não a empregavam, certamente por não existir com a mesma força o sentimento por ella expresso.

Terra patria era nos primordios da antiguidade classica algo de sacrosanto como o ambito de um templo. Transformando-se no decurso das éras, a idéa da patria não representa menos a terra querida onde se encerram os restos dos nossos maiores, onde as tradições e os costumes são aquelles nos quaes fomos creados, onde a lingua é aquella em que balbuciamos as primeiras palavras, onde, no dizer do poeta, uma illusão geme em cada canto e chora em cada canto uma saudade. Essa idéa, com a série de sentimentos della decorrentes, constitue realmente um dos principios directores da civilização moderna.

O mais rubro dos socialistas, como Jaurés, considera a unidade nacional coadição indispensavel á unidade de producção e de propriedade que é a essencia do socialismo. A humanidade, pondera elle, «desde que não possa condensar sua acção em nações autonomas, pedirá a unidade a um vasto despotismo asiatico. A patria,

pois, é necessaria ao socialista. Fóra della, elle nada é e nada póde».

Apezar de transformado no decurso dos seculos, o patriotismo tem ainda um quer que seja de religioso. Com effeito, não existe o patriotismo onde não ha o espirito de sacrificio. Não é patriota quem não esteja sinceramente disposto a dedicar á patria ao menos um pouco do seu bem-estar, da sua propria fazenda, do seu egoismo.

A nossa patria não é essa terra opima da Promissão, onde os ares por toda a parte são deleitosos e por toda a parte pingues as colheitas. Temos vastas regiões safaras e climas hostis, onde a vida do homem não é possivel sem prévio e longo amanho da sua industria, com os recursos que a civilisação lhe pôz nas mãos. Mas por isso mesmo que a nossa féra natureza tropical não se deixa domar sinão pelo constante e intelligente esforço, tanto mais bello será o Brazil para o brazileiro quando até certo ponto for obra sua.

As difficuldades temperarão a energia do nosso povo, e poderemos amar com fervor as mais broncas serranias, os mais estereis carrascaes como o islandez ama as desertas geleiras percorridas sómente pelos elfos malignos. Por peor que seja, a terra da patria é sempre aquella á qual nos liga, segundo o dizer do tribuno, tudo quanto nos tem precedido e tudo quanto nos vae succeder; a ella nos prendem os que nos deram o ser e os que nasceram de nós: a immobilidade dos tumulos e o estremecimento dos berços. E' ella, para cada um, a sua provincia, a sua cidade, o seu arraial, o seu sitiozinho, com a sua paisagem familiar, aquelle trecho de solo que fazia um gaucho exilado clamar expressivamente: «antes quero viver morto em Santa Maria da Boca do Monte que viver vivo neste diabo de terra!»

Nella se renovam as cinzas dos antepassados, *pulvis veterum renovabitur.*

Mas além da patria material e tangivel temos ainda

a alma desta, o seu espirito vivificante, a patria moral emfim, formada da historia, da religião, da lingua, das tradições, dos usos e costumes communs. E' essa patria moral que nos faz comprehender e amar a patria material. Os antigos acreditavam no *genius loci*. Os gregos povoaram de numes os seus campos, os seus bosques, as suas fontes, as suas praias.

Nós temos tambem as nossas verdes collinas, os nossos limpidos regatos, as nossas maravilhosas cascatas, os nossos ares purissimos, os nossos valles amenos, cercados de arvores que são só deste meio, alegrado pelo canto da passarada que é só deste clima. Apezar da absoluta falta de gosto dos nossos proprietarios urbanos, apezar da anarchia architectonica que faz das ruas modernas das grandes cidades brazileiras um muzeu de fealdades, a casa brazileira conserva o seu typo tradicional de roça. E' um encanto vel-a ainda do alto caiadinha, na prega do morro onde se aninhou sob o velho cruzeiro de pão, desbotado pelo tempo ou desconjuntado pela ventania. Ao lado no desvão das serras ou á margem dos rios, as mattas estendem em linhas caprichosas as frondes verdejantes, matizadas nesta época do anno pelas flores do ipé, cujas folhas cairam todas para darem logar a enormes ramalhetes amarellos, brancos e roxos, que parece rebentarem do chão em um espasmo luxuriante de primavera.

A essa paisagem casam-se as nossas cantigas, os nossos instrumentos rusticos, as historias que nos embalaram os berços, a crença a cuja luz desabrochou o nosso curioso e inquieto espirito juvenil. Ao vel-a, nós sentimos logo, como o escriptor conterraneo, este céo purissimo alentou as nossas esperanças de meninos ; estes écos repetiram as nossas primeiras queixas ; neste solo se embeberam as nossas primeiras lagrimas. A alma dessa paisagem, para onde quer que andemos longe, nos segue de perto e acompanha—e chama-se a saudade ; ella nos sóa aos ouvidos em mysteriosas melodias, onde flutuam com o refrão de velhas canções, ladridos de vento no coqueiral, gorgeios de passaros familiares, ella se debruça,

á calada da noite, sobre os nossos leitos para murmurar-nos as suas confidencias em fórma de recordações do passado e accender no nosso animo as esperanças do porvir.

E' ella, a alma da patria, que ora toca a rebate no sino de cada uma das nossas capellas, concitando-nos a reunirmo-nos contra o perigo commum E' ella quem nos diz: eu tenho literatos, e não tenho literatura; eu tenho professores, e não tenho Escolas; eu tenho leis, e não tenho justiça; eu tenho soldados e marinheiros, e não tenho Exercito nem Marinha; eu tenho homens de estado, e preciso do Governo; eu tenho um grande territorio e não tenho ainda uma Nação. Congregae-vos, dae-vos as mãos uns aos outros, estreitae os nossos laços de união, pois é esta a condição essencial da defesa contra o grande e imminente perigo, e fazei emfim viva, palpitante, inquebrantavel e fecunda a *unidade da patria*. —*Affonso Arinos.*